

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 16 | Nº 48 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.10445529>



ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO SOCIAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Cristiano Melo Reinaldo¹

Francisco Roberto Pinto²

Resumo

A ideia de inovação voltada exclusivamente para atender a competitividade do mercado, as necessidades das organizações nos diversos setores econômicos, tem sido explorada em várias pesquisas frente a uma proposta socioeconômica reconhecida para mudanças estruturais e pela busca da ampliação de resultados. Uma delas a chamada de inovação social, que busca gerar soluções para os problemas sociais e a melhoria da qualidade de vida da sociedade. O estudo sobre esse tema nos moldes em que se reconhece hoje é recente, contudo, as pesquisas encontradas na literatura têm priorizado fazer um recorte sobre um aspecto específico da inovação social, sem considerar suas fronteiras e seus aprofundamentos. O objetivo deste estudo é apresentar sistematicamente a literatura sobre ecossistema de inovação social, por meio da observação da evolução na produção e obras de maior impacto, rigorosamente para a expressão ecossistema de inovação social. A metodologia utilizada nesta pesquisa desenvolveu-se sob a perspectiva exploratória, bibliográfica e por meio de uma revisão sistemática de literatura, de forma a abranger suas especificidades e suas correlações. Conclui-se que as dinâmicas dos estudos encontrados estão relacionadas diretamente com as políticas públicas, isso porque se percebe um interesse atual em suplantar a clássica oposição entre análise política e estudos políticos. Trata-se de alargar o debate para compreender melhor a ação pública, para além do governo, e os novos modos de governança pública que podem fazer face dos inúmeros e complexos problemas sociais que inter-relacionam as dinâmicas econômicas, sociais, culturais e ambientais.

Palavras-chave: Ecossistema de Inovação Social; Inovação Social; Revisão Sistemática de Literatura.

Abstract

The idea of innovation aimed exclusively at meeting market competitiveness and the needs of organizations in different economic sectors has been explored in several studies in light of a recognized socioeconomic proposal for structural changes and the search for expanding results. One of them is called social innovation, which seeks to generate solutions to social problems and improve society's quality of life. The study on this topic in the form in which it is confirmed today is recent, however, the research discovered in the literature has focused on a specific aspect of social innovation, without considering its borders and its depths. The objective of this study is to systematically present the literature on social innovation ecosystem, through observation of developments in production and works with greater impact, strictly for the expression social innovation ecosystem. The methodology used in this research was developed from an exploratory, bibliographical perspective and through a systematic literature review, in order to cover its specificities and correlations. It is concluded that the dynamics of these studies are related to public policies, because there is a current interest in overcoming the classic opposition between political analysis and political studies. It is about broadening the debate to better understand public action, beyond government, and new modes of public governance that can address considerable and complex social problems that interrelate economic, social, cultural, and environmental dynamics.

Keywords: Social Innovation Ecosystem; Social Innovation; Systematic Literature Review.

¹ Professor da UniFanor Wyden. Doutor em Administração pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: cristianoreinaldo9@gmail.com

² Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutor em Administração pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: roberto.pinto@uece.br



INTRODUÇÃO

As temáticas da inovação e da sustentabilidade, são cada vez mais exploradas em estudos aplicados no que tange à competitividade dos negócios devido ao crescimento dos problemas socioambientais decorrentes de uma maior utilização dos recursos naturais, que tem colocado esses dois temas no centro da agenda dos negócios. Em decorrência, as organizações sejam elas públicas ou privadas, têm buscado alternativas para uma melhor utilização dos recursos, por meio de novos produtos, processos e novas práticas que contemplem de forma conjunta aspectos econômicos, sociais e ambientais. No meio empresarial, o conceito de sustentabilidade tem sido comumente operacionalizado com base no modelo *Triple Bottom Line*, a qual engloba as esferas ambiental, econômica e social. Entretanto, atualmente faz-se uso intensivo da sigla ESG que corresponde em português, Ambiental, Social e Governança que resulta em um conjunto amplo de questões, desde as conversas sobre o uso do carbono até as práticas trabalhistas e de corrupção, que justificam a criação de critérios e práticas que direcionam o papel e a responsabilidade dos negócios em direção aos fatores ambientais, sociais e de governança corporativa, entre os diferentes setores (poder público, sociedade civil e iniciativa privada).

Embora a sigla ESG tenha surgido apenas em 2005, resultado de uma iniciativa liderada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em que propunha diretrizes e recomendações sobre como contemplar questões ambientais, sociais e de governança na gestão de ativos, serviços de corretagem de títulos e pesquisas relacionadas aos temas dos estudos de ESG, acadêmicos ou não, consiste em Responsabilidade Social Empresarial (RSE) que passou a ser conhecida também como Responsabilidade Socioambiental (RSA). Embora o conceito de ESG não seja recente, nos últimos anos ele tem ganhado bastante destaque mundial. Tais fatores são essenciais para a inovação, produtividade e crescimento de mercado, bem como para a gestão de risco, para o valor da marca das companhias e as reponsabilidades organizacionais.

Os processos inovativos na dinâmica econômica têm significativa influência nos estudos sobre inovação tecnológica e desenvolvimento econômico que estruturaram as bases dos estudos contemporâneos sobre inovação. As inovações podem ocorrer através de uma série de novas combinações, como introdução no mercado de um novo bem, um novo processo de produção, abertura de um novo mercado, a descoberta de uma nova fonte de matéria-prima e o desenvolvimento de novas formas organizacionais. Ademais, pode ser observado também o papel da inovação na competição, no aprofundamento de características setoriais e nacionais, o papel da pesquisa e dos arranjos institucionais, o desenvolvimento de sinergias coletivas, sistemas de inovação, dentre outros.



Aprofundando o conceito sobre sistema de inovação, tem-se o chamados sistema(s) regional(is) ou local(is), sabe-se que as cidades têm sido concebidas para promoção de mudanças nos padrões de desenvolvimento e na construção de soluções que possam fazer face à complexidade dos problemas públicos existentes. Isso porque, as cidades podem ser consideradas uma realidade híbrida que congrega um conjunto de sistemas socioecológico-tecnológicos em grande escala, no qual governam os diversos estoques existentes de recursos, fluxos e serviços ecossistêmicos. Esses espaços que se tornam cruciais para se explorar empiricamente como as instituições, os discursos, os atores e suas práticas evitam ou abraçam (em escala local), seus problemas públicos e seus desafios em termos de sustentabilidade o que se chama costumeiramente de ESG nos informativos, relatórios empresariais e/ou estudos mundiais.

O termo Inovação Social (IS) remonta à década de 1990, motivado pela crescente problematização social, a redução dos investimentos públicos no campo social, o crescimento das organizações do terceiro setor e da participação das empresas no investimento e nas ações sociais. No entanto, essa analogia com economias de baixo custo tem levado os programas de apoio às inovações sociais a serem confundidos com assistencialistas, e mesmo os editais formulados, dirigidos a inovações sociais, geralmente restringem seus apoios às organizações sociais, quando se sabe que uma grande empresa, dotada de laboratório com equipamento de ponta, quando desenvolve um novo medicamento, por exemplo, realiza uma IS.

Metodologicamente esta pesquisa se baseia a partir dessa abordagem de inovação social, para verificar e revisar a literatura de forma sistemática, exploratória e bibliográfica os estudos que versam sobre ecossistema de inovação social (EIS), sua emergência, seu desenvolvimento e suas consequências nas chamadas arenas públicas (as cidades). Justificando assim a necessidade deste estudo, onde os EIS são colocados como uma temática central na agenda de pesquisa pelas redes sociotécnicas de governança pública em vários países. Como se sabe, os EIS são interpretados como um conjunto de redes sociotécnicas composta pela associação de múltiplos atores, instituições e artefatos, de diferentes setores, que se formam pela mobilização em torno de situações problemáticas/conflitantes nos setores públicos da cidade na promoção do desenvolvimento socioeconômico ou socioambiental.

Frente ao contexto apresentado, levanta-se como ponto norteador o seguinte questionamento de pesquisa: Como a literatura sobre ecossistema de inovação social se apresenta de forma sistemática, com os elementos aglutinantes e caracterizadores? Tendo como base os estudos sobre sustentabilidade e inovação, esta pesquisa, cuja abordagem teórico-metodológica é aqui proposta, promove um diálogo entre esses construtos. O objetivo deste estudo é apresentar sistematicamente a literatura sobre ecossistema de inovação social, por meio da observação da evolução da produção e obras de maior impacto, rigorosamente para a expressão ecossistema de inovação social. Especificamente, será



realizada uma busca por meio de exames bibliométricos e sociométricos, com a plena identificação de redes de coocorrência, coautoria, cocitação e acoplamento bibliográfico, além de análises das tipologias e dos elementos caracterizantes para o construto proposto, fazendo uso da base scopus.

O referencial teórico deste estudo está estruturado com base nos constructos propostos, distribuídas sobre os conceitos e características de inovação, inovação social e ecossistema de inovação social. Em seguida, apresenta a relação contemporânea entre esses temas, colocando em evidência as perspectivas e as lacunas desse debate. Na sequência, levanta-se a necessidade de novas abordagens teóricas e metodológicas que possam dar conta de diferentes trajetórias e formatos dos EIS. Ainda assim, discute-se o caminho metodológico da pesquisa e seus diferentes momentos, evidenciando as aprendizagens obtidas nesse percurso e tecendo algumas considerações que possam ser úteis para o avanço do debate proposto.

REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL

Como é sabido, as organizações sejam públicas ou privadas, convivem há alguns anos com muita pressão para encontrar novas práticas de sustentabilidade que incorporem os fatores econômicos, sociais e ambientais. Além disso, para as organizações se tornarem sustentáveis, existe o desafio de conseguir uma abordagem coletiva envolvendo todos as partes relacionadas em direção à sustentabilidade organizacional. Com a era da informação, avanço tecnológico e mercado altamente competitivo, incluir a inovação dentro da estrutura interna das organizações se faz necessário para que elas consigam manter suas posições no mercado. Os mercados já estabelecidos podem ser beneficiados pelas inovações, assim como os mercados potenciais que podem ser explorados e expandidos (STAUB; KAYNAK; GOK, 2016; REZAPOURAGHDAM; ALIPOUR; ARASLI, 2021).

Inovação

Para que haja uma colaboração da inovação voltada para a sustentabilidade, os benefícios que a novidade pretende devem ser significativos ou não negligenciáveis nas três dimensões da sustentabilidade, abrangendo as dimensões social, econômica e ambiental e podem ser um fator competitivo o qual merece atenção de pesquisadores e empresas (PACHECO *et al.*, 2018). Os estudos de Bos-Brouwers (2010) e Musiolik e Markard (2011) expressam que essa colaboração envolve a combinação de forças para a realização de um objetivo que pode ser descrito como um dos facilitadores



para inovações que visam à sustentabilidade, podendo, assim, gerar vantagem econômica (AWAN; SROUFE, 2021).

Uma inovação ainda pode ser classificada por sua intensidade e/ou natureza, podendo ser incremental, radical ou disruptiva (SCHUMPETER, 1997; OCDE, 2018; KLEMENT, 2007; GALLOUJ; WEINSTEIN, 1997; BOS-BROUWERS, 2010; ZILBER; PEREZ; LEX, 2021); e, também, estrutural (arquitetural) e modular (KLEMENT, 2007; HENDERSON; CLARK, 2001).

O tema inovação foi discutido e definido por Schumpeter, no início do século XX, em sua teoria do desenvolvimento econômico. Ele caracterizou a inovação pela abertura de um novo mercado ou a exploração bem-sucedida de boas ideias (SCHUMPETER, 1997). Neste caso, deve haver a introdução de novos produtos, tornando o ambiente competitivo. A teoria Schumpeteriana é usada para definir inovação como algo que destrói o modo de como se fazia determinada atividade anteriormente. Tanto que a Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OCDE) assevera que a inovação compreende a implantação de produtos e processos tecnologicamente novos ou com substanciais melhorias tecnológicas, o que envolve uma série de atividades científicas, tecnológicas, organizacionais, financeiras e comerciais. Decorre do desafio das organizações em lidarem com novas oportunidades e ameaças, o que ocasiona a necessidade de desenvolverem continuamente novos produtos, serviços e processos de gestão, porque aumenta a produtividade e o desempenho dos negócios (OCDE, 2005; GUMUSLUOGLU; ILSEV, 2009; JUGEND; SILVA 2013; JIA *et al.*, 2021; SHAFIQUE *et al.*, 2021). Torna-se importante, uma vez que possibilita o ingresso de novos conhecimentos, novos mercados, aumento da receita, realização de novas parcerias, acréscimo do valor da marca e percepção de novos nichos latentes de mercado e novos sistemas ou redes de correlações.

Os estudos de Hu *et al.* (2013); Yusof *et al.* (2011); Sudibjo e Prameswari (2021) e Khan *et al.*, (2022) mostraram que as organizações precisam inovar para obter vantagem competitiva e sucesso sustentável. Kthiar e Al-Hindawy (2022) afirmaram que a necessidade de criatividade e sustentabilidade das organizações tornou-se um assunto importante para qualquer organização, seja pública ou privada, que deseja alcançar a obtenção de excelentes desempenhos, por isso elas se esforçam e gastam muito dinheiro com a finalidade de alcançar inovações bem-sucedidas. Nesse sentido, a inovação adquire importância no contexto competitivo das organizações, considerando o desenvolvimento de novos produtos, processos, práticas e tecnologias que pode colocar a empresa em uma posição de destaque perante os concorrentes e contribuir para a geração de vantagem competitiva sustentável, ajudando a lidar com as mudanças do mercado e superar qualquer tipo de obstáculo. Além disso, a inovação organizacional é afetada por variáveis individuais e ambientais (ALBLOOSHI, 2021). Outro meio de enfrentar cenários competitivos é a inovação, que possibilita gerar novidades organizacionais e



mercadológicas. Quando reduz o impacto ambiental em comparação com alternativas, a introdução de produtos ou processos, novos ou melhorados, é denominada “ecoinovação” (PEREIRA *et al.*, 2021).

A inovação pode ser também uma forma de transformação da sociedade para o alcance da sustentabilidade. Isso pode acontecer já que sistemas inovadores permitem mudanças estruturais (FRANTZESKAKI; HAAN, 2009) e favorece a criação de ecossistemas, ademais o desenvolvimento sustentável só pode ser alcançado através de transformações sociais, culturais, institucionais, organizacionais e tecnológicas (LOORBACH, 2010). O Manual de Oslo afirma que uma maior conscientização da importância da inovação fez com que ela fosse incluída na agenda política da maioria dos países desenvolvidos, com foco básico em políticas de ciência e tecnologia e aspectos de políticas industriais. O novo pensamento sobre inovação fez surgir a importância dos sistemas e levou a uma abordagem mais integrada da formulação e implantação de políticas ligadas à inovação (OECD, 2004). Um dos poucos consensos que se consegue verificar em estudiosos das mais diversas áreas diz respeito à inovação como um fator determinante para a competitividade e o desenvolvimento de nações, regiões, setores, empresas e até indivíduos (CASSIOLATO; LASTRES, 2000; VELOSO FILHO; NOGUEIRA, 2006).

Os sistemas de inovação e as relações entre seus agentes específicos influenciam os processos de aprendizagem tecnológica e o desenvolvimento de suas capacidades, bem como a região ou localidade onde os sistemas estão inseridos, em decorrência das interações com outras redes seja de empresas, universidades, clientes, fornecedores e outros agentes que influenciam o processo de inovação (DUTRÉNIT, 2004), promovendo a inovação social ou ecossistemas inovação social.

Akman *et al.* (2023), Al-Sharif *et al.* (2023), Bossaghzadeh *et al.* (2023) explicam empiricamente que a inovação pode criar uma formação planejada relacionada à ambidestria organizacional. Pode-se dizer que a ambidestria organizacional é capaz de mediar o efeito da inovação de produtos sobre atuação mercadológica e competitiva. Porque quanto mais eficaz for o produto, a natureza, a composição e qualidade da gestão organizacional, melhores serão seus resultados mercadológicos e são fundamentais para o desempenho de qualquer empresa, onde este desempenho será definido e medido em termos de crescimento econômico-financeiro e socioambiental. Contudo, de acordo com Hwang *et al.* (2023), Nurcholidah *et al.* (2023), Ojiako *et al.* (2023), descrevem, que as empresas enfatizam a gestão com capacidade e apoio a inovação social, é cada vez mais provável que funcionários contribuam para este processo.



INOVAÇÃO SOCIAL

O conceito de IS surgiu como uma atividade importante para aumentar a criação de valor social para empresas e comunidades e, assim, contribuir para a inclusão socioeconômica (WEAVER; MARKS, 2017). Uma barreira para a consolidação de um entendimento único sobre IS advém do fato de o termo ter ganhado espaço nas discussões e nas publicações nos mais variados âmbitos (HENDERSON, 1993; ZIMMERMANN, 1999; ANDRÉ; ABREU, 2006; POL; VILLE, 2009; DEES, 2013). Isto é, essa difusão que alcança as mais diversas disciplinas como sociologia, administração, economia, serviço social e ciências políticas torna difícil o estabelecimento de um conceito único e claro para inovação social.

A principal diferença entre a inovação tecnológica e a inovação social é que a primeira lida com a introdução de novos tipos de produção e de mercados, enquanto a segunda busca a melhoria do bem-estar dos indivíduos e das comunidades por meio do emprego, consumo e/ou participação. Isto é evidenciado quando se expressa que o seu principal propósito é fornecer soluções para os problemas individuais e comunitários, ou seja, proporcionar a mudança social para a melhoria da qualidade de vida das pessoas (OECD, 2011). Phills Jr., Deiglmeier e Miller (2008) corroboram ao definir IS como uma nova solução para um problema social que é mais efetiva, eficiente e sustentável ou justa do que as soluções existentes e para a qual o valor criado atinge principalmente a sociedade como um todo e não indivíduos em particular. Torna-se, assim, um conceito adequado para compreender e produzir mudança social duradoura.

A IS vem conquistando espaço por ter essa capacidade e por outras razões: as ferramentas clássicas de políticas governamentais e as soluções dadas pelo mercado provaram ser insuficientes para suprimir as desigualdades sociais resolver as questões da sustentabilidade e os problemas de mudanças climáticas. A sociedade civil, por si só, não possui os recursos necessários para lidar com problemas complexos em larga escala e os custos para ultrapassar os desafios sociais se elevam. A inovação social surge como um meio alternativo e acessível de mudança que une todos em prol de melhorias sociais (ANDRÉ; ABREU, 2006; MURRAY *et al.* 2010; BIGNETTI, 2011; HWANG *et al.*, 2023; NURCOLIDAH *et al.*, 2023).

É importante ressaltar que nem todo processo de mudança social é necessariamente uma inovação social. A IS tem como característica a novidade e a ação intencional orientada para atingir um resultado desejado, porque são planejadas, coordenadas e orientadas para o objetivo específico por meio de novas práticas sociais (HELLSTRÖM, 2004; HOWALDT; SCHWARZ, 2010). Em um nível micro, os objetivos da IS buscam satisfazer às necessidades sociais, melhorar o padrão de vida continuamente e



enriquecer a capacidade de agir de grupos e indivíduos. Já numa perspectiva macro, IS trata de uma mudança geral na sociedade ao eliminar desigualdades e promover o desenvolvimento sustentável (BUCHEGGER; ORNETZEDER, 2000 *apud* BULUT; EREN; HALAC, 2013). Nessa última visão, a IS tomaria forma quando uma nova ideia estabelecesse um jeito de pensar e agir que mudasse os paradigmas existentes por meio da interação das redes sociotécnicas (CAJAIBA-SANTANA, 2013).

Os principais desafios desse processo estão ligados a encontrar formas de sustentar as novas soluções ao longo do tempo, fazê-las crescer, ganhar escala e serem difundidas a ponto de gerar mudanças sistêmicas (MANZINI, 2008; MURRAY *et al.*, 2010). Murray *et al.*, (2010) apontam como caminhos para essa sustentação: o projeto de modelos de negócio e governança que prevejam fontes de financiamento; e a estruturação de redes para a geração de capital relacional que é um modo de criar fontes de resiliência para os momentos mais difíceis da organização.

Quadro 1 - Evolução do conceito de inovação social

Autor	Conceito
Taylor (1911)	Formas aperfeiçoadas de ação, novas formas de fazer as coisas, novas invenções sociais.
Dagnino e Gomes (2000)	Conhecimento – intangível ou incorporado a pessoas ou equipamentos, tácito ou codificado – que tem por objetivo o aumento da efetividade dos processos, serviços e produtos relacionados à satisfação das necessidades sociais.
Standford Social Innovation Review (2003)	O processo de inventar, garantir apoio e implantar novas soluções para problemas e necessidades sociais.
Goldenberg (2004)	Inovação Social é o desenvolvimento e a aplicação de novos ou melhorados atividades, iniciativas, serviços, processos ou produtos desenhados para superar os desafios sociais e econômicos enfrentados por indivíduos e comunidades.
Novy e Leubolt (2005)	A inovação social deriva principalmente de: satisfação de necessidades humanas básicas; aumento de participação política de grupos marginalizados; aumento na capacidade sociopolítica e no acesso a recursos necessários para reforçar direitos que conduzam à satisfação das necessidades humanas e à participação.
Hochgerner (2009)	Inovações sociais são novos conceitos e ações aceitos por grupos sociais impactados que são aplicados para superar desafios sociais.
Murray <i>et al.</i> (2010)	Novas ideias (produtos, serviços e modelos) que simultaneamente satisfazem necessidades sociais e criam relações ou colaborações sociais. Em outras palavras, são inovações que, ao mesmo tempo, são boas para a sociedade e aumentam a capacidade da sociedade para agir.
Howaldt e Schwarz (2010)	Uma inovação social é uma nova combinação e/ou uma nova configuração de práticas sociais em determinadas áreas de ação ou contexto social promovidas por determinados atores com o objetivo de melhor satisfazer ou responder às necessidades e problemas da sociedade.
OECD (2011)	O processo de implementação de uma ferramenta visando a expandir e fortalecer o papel da sociedade civil em resposta a uma diversidade de necessidades sociais.
Cajaiba-Santana (2014)	Novas práticas sociais, criadas a partir de ações coletivas e intencionais que visam à mudança social por meio da reconfiguração de como metas sociais são cumpridas.
Howaldt, Kopp e Schwarz (2015)	Um conjunto de estratégias, conceitos, ideias e formas organizacionais com vistas a expandir e fortalecer o papel da sociedade civil em resposta a uma diversidade de necessidades sociais (educação, cultura, saúde, entre outros), sendo entendida como uma construção de compromissos na busca de responder aos problemas coletivos, de forma a atender a demandas sociais de uma forma melhor do que as práticas existentes.

Fonte: Elaboração própria. Adaptada de Bignetti (2011).



Quando esses modelos se tornarem sustentáveis, devem-se encontrar formas de difundi-los. Seguindo essa proposta, Verganti (2009) assevera que a rede de intérpretes da IS seria formada por atores ligados à produção cultural e à produção de tecnologias que buscam novos significados para o seu uso na promoção do bem-estar coletivo. No âmbito das IS, seguindo a proposição de Bignetti (2011) e Manzini (2008), deve-se considerar a participação de uma multiplicidade de atores sociais na inovação e incluir as pessoas que estão inseridas nesses contextos socioculturais como intérpretes relevantes dessa rede, por serem especialistas na experiência cotidiana em tais contextos (HWANG *et al.*, 2023; NURCOLIDAH *et al.*, 2023).

São três as principais lentes para entender como a mudança acontece na relação interativa dos atores distribuídos em: indivíduos, movimentos sociais e organizações (MULGAN *et al.*, 2007). Porém, as iniciativas para IS também podem partir de governos, por meio de políticas públicas e de leis, de instituições públicas e de instituições privadas que juntas formam um grande ecossistema de relações diretas e indiretas (ANDRÉ; ABREU, 2006; BULUT; EREN; HALAC, 2013).

Indivíduos podem ser agentes de mudança no setor social ao desenvolverem soluções inovadoras para os problemas da sociedade. Segundo Ashoka (2010), esses indivíduos são empreendedores sociais que, ao invés de esperar as ações de governos e dos setores privados para solucionar as necessidades da sociedade, encontram o que não está funcionando e resolvem o problema persuadindo sociedades inteiras a caminhar em diferentes direções. Como exemplos, podem-se citar: Robert Owen (fundou fábricas que funcionam cooperativamente), Octavia Hill (inventou coisas como gestão de habitação, proteção do patrimônio e habitação comunitária), Michael Young (ajudou a fundar o Estado Nacional voltado para democracia) e Vera Cordeiro (fundou a Associação Saúde Criança Renascer) dentre tantos outros fundadores (MULGAN, 2006).

O ciclo de inovação social de Mulgan (2006) e aperfeiçoado por Murray, Caulier-Grice e Mulgan (2010) é o mais presente nos estudos sobre esta temática. No entanto, as primeiras sugestões de fases para o processo foram feitas por Brewer (1973) e posteriormente por Cloutier (2003). Conforme Murray, Caulier-Grice e Mulgan (2010), cada estágio é caracterizado conforme a seguinte descrição:

1. **Avisos, inspirações e diagnósticos:** nesta etapa já existem todos os fatores que destacam a necessidade de inovação, como a crise, cortes de gastos públicos, o mau desempenho, a estratégia, bem como as inspirações que dão início à imaginação criativa de novas evidências. Esta etapa envolve o diagnóstico do problema e a formulação da pergunta, de tal forma que as causas do problema, e não apenas os seus sintomas, sejam abordados. Enquadrar a pergunta certa é o caminho para encontrar a solução certa, o que significa ir além dos sintomas para identificar as causas de um problema particular;
2. **As propostas e ideias:** esta é a fase de geração de ideias. Isso pode envolver métodos formais, como o projeto ou métodos criativos para ampliar o menu de opções disponíveis. Muitos dos métodos ajudam a atrair as ideias e experiências de uma ampla variedade



de fontes;

3. **Protótipos e pilotos:** este é o lugar onde as ideias são testadas na prática. Isto pode ser feito simplesmente por tentar as coisas ou por meio de pilotos mais formais, protótipos e ensaios clínicos randomizados. O processo de refinar e testar as ideias é particularmente importante na economia social, pois é pela interação e tentativas e erros que as coligações reúnem forças (por exemplo, ligando os usuários aos profissionais) e os conflitos são resolvidos (incluindo batalhas com interesses instalados). É também por estes processos que medidas de sucesso venham a ser acordadas;
4. **A manutenção:** é quando a ideia se torna uma prática cotidiana. Trata-se de aprimorar ideias (e muitas vezes racionalizá-las) e identificar os fluxos de renda para garantir a sustentabilidade financeira a longo prazo da empresa, empresa social ou de caridade que vai levar a inovação à frente. No setor público, isso significa identificar os orçamentos, equipes e outros recursos, como a legislação;
5. **Escala e difusão:** nesta fase há uma série de estratégias para crescer e se difundir uma inovação, desde crescimento organizacional por meio do licenciamento e franquia, colaboração ou livre difusão. Estímulo e inspiração também desempenham um papel fundamental na difusão de uma ideia ou prática. Outro elemento que influencia a escala e difusão é a demanda e a oferta, assim como acontece no mercado. A demanda de comissários e formuladores de políticas são mobilizadores para espalhar com sucesso uma inovação social. Mas escala é um conceito da época da produção em massa, e as inovações aderem e crescem na economia social de muitas outras maneiras, seja pela inspiração e estímulo ou pela prestação de apoio e conhecimento de um para outro de uma forma mais orgânica e adaptativa;
6. **Mudança sistêmica:** este é o objetivo final de inovação social. A mudança sistêmica normalmente envolve a interação de muitos elementos tais como: movimentos sociais, modelos de negócios, leis e regulamentos, dados e infraestrutura e novas formas de pensar e agir. Também requer novos quadros ou arquiteturas compostas de muitas inovações menores. As inovações sociais comumente se voltam contra as barreiras e hostilidade de uma velha ordem. Pioneiros podem contornar essas barreiras, mas, à medida que elas crescem, frequentemente dependem da criação de novas condições para fazer as inovações economicamente viáveis. Estas condições incluem novas tecnologias, as cadeias de fornecimento, formas institucionais, habilidades e quadros regulamentares e fiscais. Inovação sistêmica geralmente envolve mudanças do setor público, do setor privado, da economia e das famílias, geralmente ao longo de grandes períodos de tempo.

Cloutier (2003) corrobora com o tema destacando a necessidade de identificar alguns critérios para que se possa reconhecer uma inovação social: (a) inovadora e experimental em um dado contexto; (b) disposição para tomada de risco por parte dos atores do projeto; (c) impacto sobre as políticas sociais em nível nacional ou local; (d) qualidade da parceria entre atores; e (e) participação dos beneficiários no projeto. Conforme a sua concepção, a inovação social é definida como uma ação que cria relações sociais, estruturas ou modos de decisão, originadas de uma consciência individual e depois coletiva, sendo contextual e dependente da trajetória, promovendo mudanças que levam a uma melhor integração dos grupos excluídos. O autor preconiza que a inovação social pode ser classificada de acordo com quatro formas diferenciadas, a saber: (1) o objeto em si, a sua natureza (forma); (2) o processo de criação e implementação (processo); (3) o destino das mudanças (atores envolvidos); (4) os resultados obtidos (objetivos da mudança).



No quadro 2, estão apresentadas as diferenças entre os tipos de inovações sociais discutidas por Cloutier (2003).

Quadro 2 - Classificação das inovações sociais

Classificação	Tipo de Inovação Social		
	Centrada no Indivíduo	Orientada pelo Meio	Realizada nas Empresas
Forma	Imaterial, se opondo à noção de produto	Imaterial (novas relações sociais)	Novas formas de organização do trabalho
Processo	Interação e cooperação entre os envolvidos, desde a tomada de consciência da necessidade e a concepção do projeto, até a execução	Criação de novas instituições ou modificação do papel das existentes	Desenvolvimento de novas estruturas de produção
Atores envolvidos	Indivíduos	Sociedade; Poder público	Direção e colaboradores
Objetivos da Mudança	Solução de problemas sociais	Melhoria da qualidade devida	Perspectiva instrumental: necessidade de um rearranjo que facilite a criação do conhecimento e a inovação tecnológica; Perspectiva não- instrumental: melhoria da qualidade de vida no trabalho
Exemplo de Ações	Empréstimos iniciais realizados pelo <i>Grammen Bank</i> , quando o objetivo inicial era a retirada das mulheres artesãs da situação de pobreza	Consolidação do <i>Grammen Bank</i> , promovendo desenvolvimento econômico e social nas regiões onde atuava	Estrutura composta por mulheres; forma de prospecção de clientes

Fonte: Elaboração própria. Adaptada de Cloutier (2003); Santos (2012).

Quanto ao objeto em si, a sua natureza, a inovação social é perceptível a partir de três sub dimensões: a tangibilidade, a novidade e o objetivo global. A tangibilidade refere-se ao fato de que a inovação social pode ser localizada em um *continuum* do tangível ao intangível, ou seja, tanto pode ser um produto como pode ser um modo de fazer, sendo medida pela extensão e profundidade das mudanças no sistema (CLOUTIER, 2003).

Em relação ao processo de criação e implementação da inovação social, esta deve atender a certos requisitos de agrupamento em duas categorias principais: diversidade de atores e participação do usuário. A diversidade de atores e a participação ativa são consideradas condições essenciais para a criação e implementação de novas soluções que têm em seu processo a aprendizagem e criação de conhecimento (CLOUTIER, 2003).

Já o destino das mudanças é outra dimensão que o autor enfatiza em sua análise, destacando que a busca do bem-estar dos indivíduos e/ou comunidades é a razão de ser das inovações sociais, seja em nível individual, no lugar em que se vive (território) ou no local de trabalho (empresa). E, por fim, os resultados obtidos com a inovação social devem ser melhores do que as práticas tradicionais e devem produzir uma mudança duradoura.



As relações de parceria entre esses atores ocorrem em um ambiente, que pode ser conceituado como um ecossistema de inovação social. O conceito de ecossistema, originalmente advindo da biologia, vem sendo utilizado com frequência nos estudos da área de gestão, para designar elementos individuais funcionando como um sistema inteiro em que ocorrem interações entre os atores internos (PILINKIENĖ; MAČIULIS, 2014). Assim, em muitos casos, o termo ecossistema tem sido empregado para substituir *networks* ou *cluster*, por ele ser mais complexo, dinâmico e abrangente (GOBBLE, 2014). De forma geral, um ecossistema, na área de gestão, pode ser definido como uma comunidade de organizações, instituições e indivíduos que afetam a empresa, seus clientes e fornecedores (TEECE, 2009).

Nos últimos anos, o conceito de IS amplia-se para EIS e tem se tornado cada vez mais popular nas políticas e no debate público devido à relevância que pode desempenhar na geração de crescimento inclusivo, bem como empoderar os agentes para promover mudanças positivas nas sociedades e promover o ecossistema desse tipo de inovação (VON JACOBI; CHIAPPERO-MARTINETTI, 2017). Partindo disso, o EIS contempla a criação de novos produtos ou serviços destinados a complementar carências sociais, mas contempla também a criação de soluções que propiciem maior eficiência a métodos e técnicas produtivas já existentes, buscando ampliar ao máximo os benefícios para a sociedade em que são inseridos. Delega ainda mais importância à IS, ao classificá-la como uma solução mais efetiva, eficiente, sustentável ou justa que as soluções já existentes e cujo valor gerado beneficia, prioritariamente, a sociedade como um todo e não apenas alguns indivíduos.

ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO SOCIAL

Segundo Lévesque (2016), o conceito de Ecossistema de inovação social (EIS) tem sua origem relacionada a ampliação dos estudos sobre Inovação Social (IS) que se desenvolveram, sobretudo, nos domínios do *management* e da economia a partir dos anos 1970. Grande parte desses estudos focaliza suas análises nos Ecossistemas de Negócio (EN) (MOORE, 1993) ou nos Ecossistemas Empreendedores (EE) (ISENBERG, 2011), seguindo uma tradição Schumpeteriana.

A história da ciência e tecnologia inovadoras é retratada, como uma história de desenvolvimento tortuoso, marcada por muitas dificuldades e obstáculos. Como uma construção coletiva, a ciência é feita por pessoas, grupos de pesquisa e instituições. Porém, embora muitos investidores e diversas instituições tenham feito e fazer a ciência, a tecnologia e a inovação no Brasil, denotando ou formando um ecossistema de inovação sejam pessoas de diferentes matizações, regiões, etnias e gêneros, classes sociais e áreas do conhecimento, a diversidade ao relacionar com dados de pesquisas sobre a presença de



mulheres negras no conhecimento, denominado de justiça participativa. E quando assuntos informacionais, oportunidades iguais para participar nos processos de produção e adequados de superficialmente parece estar longe de ser equitativo, uma vez que a participação de mulheres, negros, pobres e segmentos sociais diversos nas oportunidades e ações na educação e na ciência e tecnologia foram fortemente restringidas (MOREIRA, 2022).

Sobre EIS sabe-se que ela está voltada para a criação de valores sociais sustentáveis, para os interesses dos atores sociais e da sociedade. Apresenta-se como uma nova resposta a uma situação não satisfatória, visa ao bem-estar dos indivíduos e das coletividades por meio do atendimento às necessidades como saúde, educação, trabalho, lazer, transportes e turismo. Beneficia, portanto, a sociedade, pelo fato de propor soluções inovadoras, bem como oferece novos laços sociais e de colaboração (ASSOGBA, 2010; SHARRA; NYSSSENS, 2010; HULGARD; FERRARINI, 2010; BIGNETTI, 2011). Em outros termos, os EIS referem-se à necessidade de envolver e incluir os cidadãos no processo de mudança (ARNIANI *et al.*, 2014) em que soluções são desenvolvidas para atender às suas próprias necessidades. Ademais, observa-se uma carência de estudos de EIS quando relacionados ao contexto de sustentabilidade.

Slimane e Lamine (2017) e Maya-Carrillo *et al.* (2015) abordaram o termo IS, mas sem uma precisa delimitação conceitual voltada para o EIS. Por conta disso, este estudo propõe entender o conceito de Ecosistema de inovação social (EIS) para designar o ambiente local ou regional, em que distintos atores como empresas e empreendedores sociais, empresas com ou sem finalidades lucrativas, fundos de investimento, incubadoras, universidades, Organizações Não Governamentais (ONGs), governos, comunidades, entre outras instituições; se relacionam e compartilham capacidades e recursos, financeiros ou não, a fim de tratar problemas sociais de forma inovadora, objetivando diminuir os impactos negativos e/ou de gerar/promover impactos positivos de forma ampla na sociedade.

North e Longhurst (2013), Calzada, Chautón, e Di Siena (2013) e Wolfram Frantzeskaki (2016) e Moreira (2022) discutem a importância das dinâmicas de inovação social para a promoção de mudanças nos estilos de desenvolvimento das cidades ou regiões e enfatizam uma lógica multiescalar e multidimensional para a análise do IS preceituando uma ampliação aos EIS. Outro conjunto de estudos recentes promovem análises panorâmicas das iniciativas de mapeamento da inovação social, levantando seus alcances e limites e lançando importantes pistas para futuras pesquisas, mas não se constata a mesma atenção aos EIS, quando sim, existem somente citações ou breves comentários sobre estes.

Howaldt, Kaletka, Schröder e Zirngiebl (2022) ressaltam a importância de estudos empíricos mais aprofundados sobre a inovação social, buscando compreender suas diversas manifestações, atores e contextos culturais, livrando esses termos de sua orientação econômica tradicional focada no conceito de



empreendedorismo social (HOWALDT *et al.*, 2022). Tomando por base esse argumento, Pel *et al.* (2018) evidenciam as lacunas de posições que reduzem os EIS às redes de suporte de apoio a alguns heróis, sejam eles movimentos sociais, empreendedores sociais, organizações comunitárias, entre outros. Comparando vinte redes transnacionais de inovação social, os autores defendem uma perspectiva relacional de análise que considere os campos de ação nos quais as inovações sociais estão por assim dizer, imersas em um ecossistema (caráter fluido e provisional).

A complexidade apontada pelas dimensões-chave do enfoque social provoca a necessidade da construção de um novo desenvolvimento seja local, regional ou nacional onde os agentes possam promover a inclusão social, a construção coletiva de soluções sociotécnicas e a valorização dos conhecimentos tradicionais que implicam adaptações ao contexto, gerando resultados como melhorias em escalas gradativas e aumentativas, até mudanças mais significativas, envolvendo um número maior de atores e gerando novas formas de organização das atividades executadas para promoção do valor social.

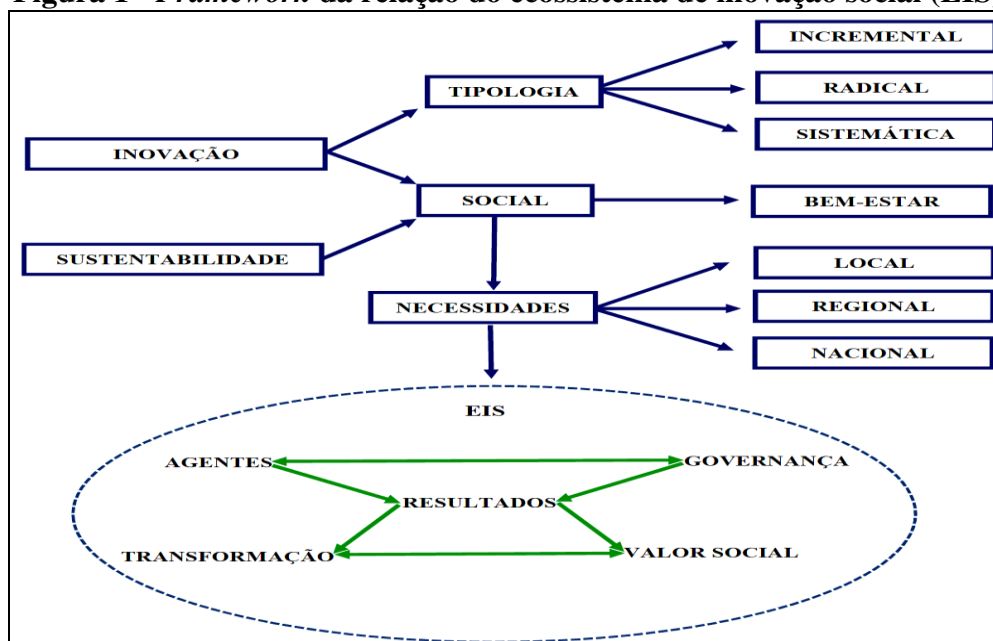
A dimensão social entendida assume a preocupação com as demandas não satisfeitas da sociedade, provocando, assim, a sociedade civil a se concentrar em melhorias de determinadas localidades a partir do seu envolvimento nos processos de desenvolvimento econômico e social, por meio da cooperação entre os atores envolvidos e na formalização de redes ou parcerias sociais. O aspecto sustentável - social inserido nessas questões devem ser examinadas simultaneamente para que se possa verificar o nível de progresso do bem-estar, a saber: padrões materiais de vida (renda, consumo e riqueza); padrões de saúde; educação; atividades pessoais, incluindo o trabalho; participação política e governança; conexões e relações sociais; meio ambiente (condições atuais e futuras) e insegurança de natureza econômica e física (STIGLITZ; SEM; FITOUSSI, 2009).

As inovações incrementais são mudanças ou introdução às modificações em uma situação já existente, representando melhorias em menor escala e respeitando estruturas dos sistemas existentes (FAGERBERG, 2003; HARRISSON; BOURQUE; SZÉLL, 2009). Já as inovações radicais representam uma ruptura com as práticas econômicas e sociais estruturadas apresentam características de desempenho sem precedentes ou características que promovam melhorias significativas e criam oportunidades de desenvolvimento de processos inovadores (FAGERBERG, 2003). Por fim, a sistemática apresenta a mudança sistêmica da inovação social, na qual se faz necessária a interação de vários elementos, como movimentos sociais, modelos de negócios, leis e regulamentos, dados, infraestrutura e formas inteiramente novas de pensar e fazer. A mudança sistêmica envolve novas estruturas e arquiteturas, compostas por muitas inovações menores (MULGAN, 2006).



Uma proposição conceitual elaborada a partir dos conhecimentos gerados das pesquisas dos autores apresentados sobre inovação social, mas com a intenção de ampliar esses conhecimentos para o contexto de ecossistema de inovação social, tem-se o *framework* apresentado na Figura 1.

Figura 1 - Framework da relação do ecossistema de inovação social (EIS)



Fonte: Elaboração própria.

Dentro desse contexto, o ecossistema de inovação social desempenha um papel importante no desenvolvimento das localidades, apontando oportunidades internas que favoreçam o desenvolvimento sustentável e gerando ganhos ou respostas sociais que atendam às necessidades sociais específicas do contexto. Elas são decorrentes das habilidades específicas da comunidade, que possibilitam o aproveitamento das potencialidades locais para a construção de um novo modelo de desenvolvimento. É, então, configurada a partir da relação de dependência entre as redes de atores, como resultado da ação de um coletivo de produtores sobre um processo de trabalho que, em razão de um contexto socioeconômico e de um acordo social, os quais ensejam um controle (auto gestor) e uma cooperação (voluntária e participativa), permite uma transformação do ambiente (mudança social) ou produto a partir da decisão de um coletivo (DAGNINO, 2009).

Como um dos principais impulsionadores da mudança social, acredita-se que o EIS podem ampliar os resultados sustentáveis para a sociedade. A relevância do tema torna-se ainda mais importante devido à possível contribuição de iniciativas de EIS no apoio do desenvolvimento sustentável em níveis diferenciados (local ou regional) na perspectiva de fomentar ações voltadas para o marco dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas. Nesse sentido, o



avanço nessa temática pode contribuir para o cumprimento deste ODS em diversas áreas e setores de atividade socioeconômica (NYLUND *et al.*, 2021).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa bibliométrica é definida por Gautam (2017) como uma análise quantitativa e qualitativa técnica que pretende avaliar o contributo passado para a ciência por entidades de investigação e investigadores, a fim de prever seu potencial futuro para o desenvolvimento do conhecimento. Ou seja, os estudos bibliométricos visam demonstrar a direção da ciência em um determinado campo de pesquisa durante um período pré-definido, examinando assim o material bibliográfico de uma perspectiva objetiva que se mostra útil na organização das informações necessárias (BARBOSE *et al.*, 2016; MONTERO DÍAZ *et al.*, 2018).

Esta pesquisa desenvolveu-se sob a perspectiva de uma revisão sistemática da literatura por compreender as diversificadas vantagens e contribuições potenciais em sua condução, e buscar preservar uma representação significativa das tendências de pesquisas, mesmo não podendo ser considerada obrigatória, exaustiva e conclusiva (CORALLO *et al.*, 2020; SNYDER, 2019). Dessa forma, a pesquisa sobre ambientes de inovação aqui conduzida estrutura-se propondo explorar o amplo contexto do conceito, assim como tipologias e elementos aglutinadores sobre a temática, além de exames de redes, em consonância com a contribuição de uma revisão sistemática da literatura quanto à verificação dos limites do conhecimento existente (SANTOS-NETO; COSTA, 2019) para apoiar sua expansão.

A metodologia analítica utilizada seguiu aquela sugerida por Castillo-Vergara; Alvarez-Marin e Placencio-Hidalgo (2018) e Zhao e Strotmann (2015), seguindo os passos abaixo: a) Definição das palavras-chave a serem utilizadas na pesquisa; b) Seleção da base de dados, formatação e limpeza; c) Codificação do material selecionado e; d) Análise das informações geradas.

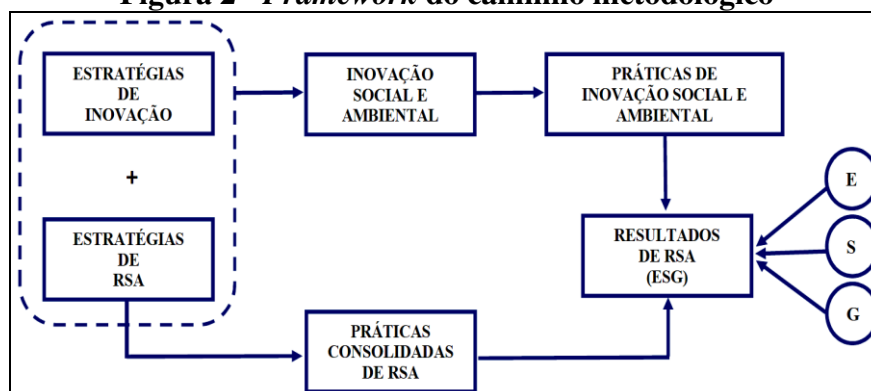
Tendo em vista esses aspectos preliminares, o *Framework* analítico e o caminho metodológico se estrutura em quatro momentos principais, sumarizados na Figura 2 e explorados brevemente, a seguir.

Destaca-se que esses momentos não ocorreram de maneira linear, como ocorre nesta pesquisa, envolve um processo longo de interobjetivação conforme descrito nos estudos de Zask (2004), onde afirmam que a experiência é, então, considerada em dois níveis: no nível da realidade observada, na qual os atores e seu ambiente são percebidos sob o ângulo da interação, e no nível do próprio procedimento empírico, que configura (pela investigação) uma interobjetivação de conhecimentos entre investigador(es) e investigado(s). Contudo, pelo objeto de estudo proposto nesta pesquisa, os ecossistemas, segue o caminho das estratégias de RSA e estão relacionados com o eixo Ambiental (E), a



inovação segue o caminho das estratégias de inovação e está relacionada com o eixo Governança (G), ecossistemas e inovação, estão relacionados com os eixos Ambiental (E) e Governança (G), inovação e social estão relacionados com os eixos Governança (G) e Social (S), e por fim ecossistema de inovação social estão relacionados com os três eixos Ambiental (E), Governança (G) e Social (S).

Figura 2 - Framework do caminho metodológico



Fonte: Elaboração própria.

RESULTADOS

No presente estudo, foram utilizadas as palavras-chave na seguinte sequência inovação, inovação social, ecossistemas, ecossistemas de inovação, e ecossistema de inovação social, que foram pesquisados nos campos título, resumo e palavras-chave usando o sistema booleano *AND* e *OUR* no banco de dados *Scopus* da Editora Elsevier e a base de dados *Web of Science*. De acordo com Thelwall (2018), estas bases de dados indexam artigos acadêmicos revisados por pares, títulos de acesso aberto, anais de congressos, entre outros, além de contar com mais de 22.800 títulos de cerca de 5.000 editoras internacionais, oferecendo uma ampla variedade de campos de pesquisa, tais como: engenharia, ciências sociais, medicina, artes e humanidades.

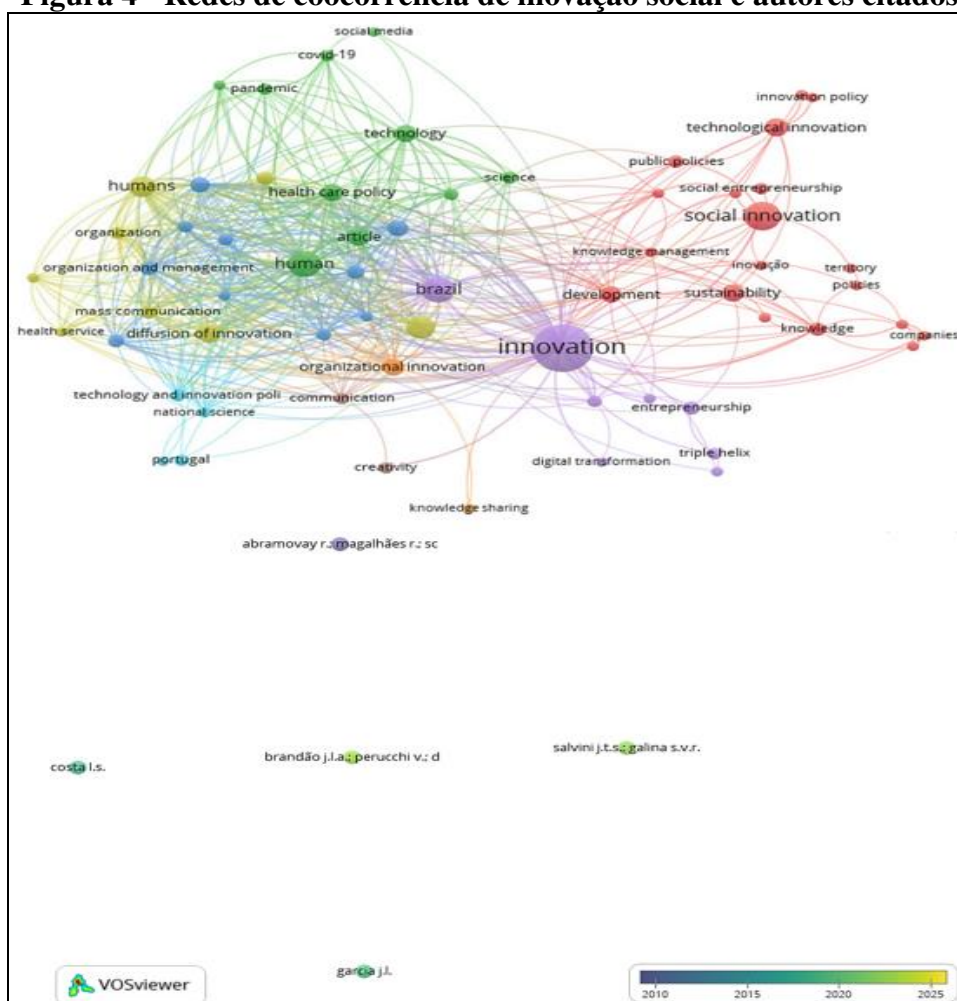
Foi realizada uma análise de ocorrência da colaboração científica dos constructos pesquisados que partem do trabalho intelectual coletivo dos pesquisadores, das instituições ou dos países, formando um sistema ou rede de colaboradores, e a coautoria representa a materialização dessa colaboração, pois é o resultado da efetiva participação na elaboração da pesquisa publicada (GRÁCIO, 2018). Contudo, o procedimento de consulta realizado compreendeu a inserção na base de dados da expressão exata das palavras-chave para base da construção de redes no software VOSViewer©.

O mapa de redes de coocorrência da palavra-chave inovação na qual ao ser aplicado um filtro para, no mínimo, 3 ocorrências por palavra de um total 4.186 palavras, o resultado obtido foi de 163 redes, distribuídos em 18 clusters, resultando um total de 1.251 pesquisas, no período de 2012 a outubro



que mais produziram foram Gadelha, C.A.G. com 6 e Costa, L.S. com 4. Entretanto o artigo mais citado neste período foi a pesquisa intitulada Representatividade e inovação na gestão dos processos participativos: o caso das organizações brasileiras de agricultores familiares dos autores Abramovay, R., Magalhães, R., Schroder, M. publicada em 2010. Essa pesquisa tem 6 cluster vinculados com 74 citações, mas relacionados a inovação social são citados somente 14 vezes. A rede de inovação social e os autores relacionados são representados na Figura 4.

Figura 4 - Redes de coocorrência de inovação social e autores citados



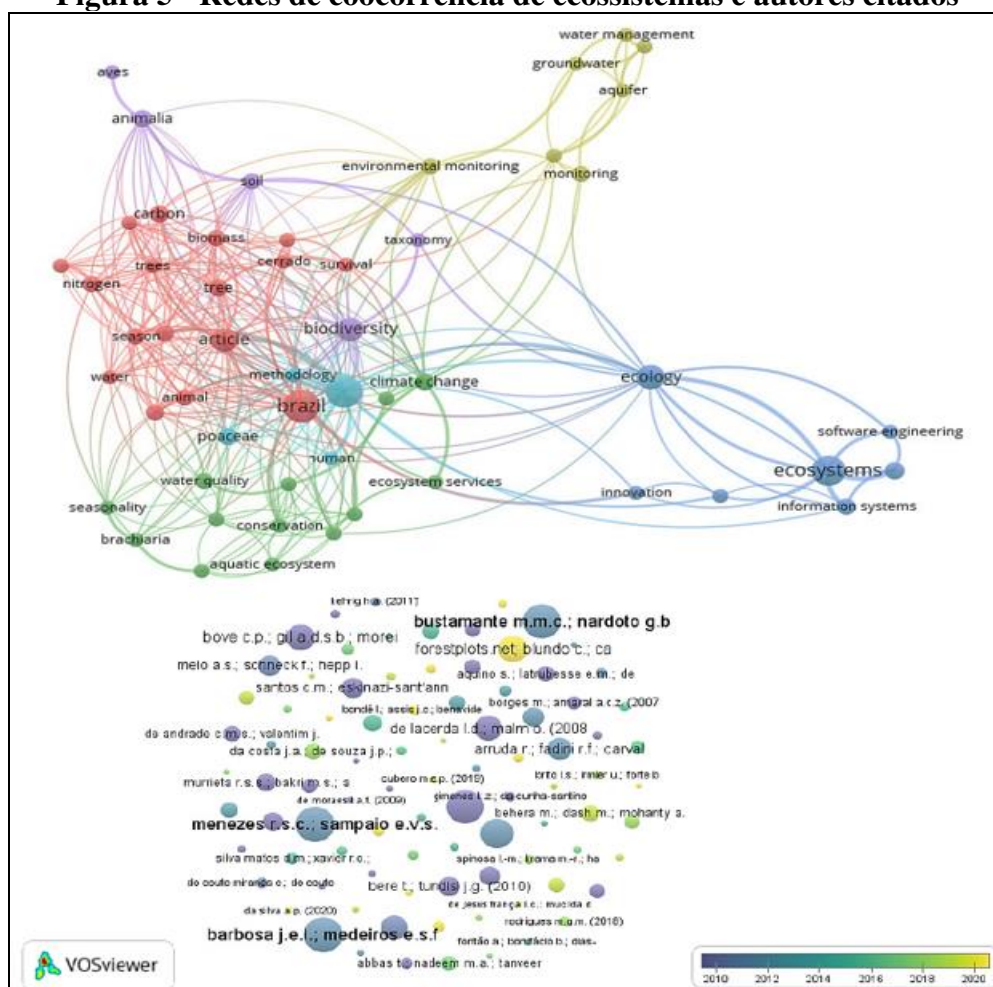
Fonte: Elaboração própria.

O mapa de redes de coocorrência da palavra-chave ecossistemas na qual ao ser aplicado um filtro para, no mínimo, 3 ocorrências por palavra de um total 1.158 palavras, o resultado obtido foi de 53 redes, distribuídos em 4 clusters, resultando um total de 173 pesquisas, no período de 2012 a outubro de 2023, sendo o ano de 2019 com a maior quantidade de publicações totalizando 18 pesquisas. Os autores que mais produziram foram Valcárcel, R. com 4 e com 3, e muitos outros com 2. Entretanto os artigos mais citados neste período foram: a pesquisa intitulada Ecossistemas aquáticos do semiárido brasileiro:



aspectos limnológicos e manejo dos autores Barbosa, J.E.L.; Medeiros, E.S.F.; Brasil, J.; Cordeiro, R.S.; Crispim, M.C.B.; Gonzaga da Silva, G.H. com 100 citações. Em segundo a pesquisa intitulada Ciclagem biogeoquímica em ecossistemas terrestres do Bioma Caatinga dos autores Menezes, R.S.C.; Sampaio, E.V.S.B.; Giongo, V.; Pérez-Marin, A.M. com 96 citações. Em terceiro a pesquisa intitulada Os impactos potenciais das mudanças climáticas no funcionamento biogeoquímico dos ecossistemas de cerrado dos autores Bustamante, M.M.C.; Nardoto, G.B.; Pinto, A.S.; Resende, J.C.F.; Takahashi, F.S.C.; Vieira, L.C.G.I. com 92 citações, todas essas pesquisas foram publicadas em 2012. A rede de ecossistemas e os autores são representados na Figura 5.

Figura 5 - Redes de coocorrência de ecossistemas e autores citados



Fonte: Elaboração própria.

O mapa de redes de coocorrência da palavra-chave ecossistemas de inovação na qual ao ser aplicado um filtro para, no mínimo, 3 ocorrências por palavra de um total 20 palavras, o resultado obtido foi de 5 redes, distribuídos em 1 clusters, resultando um total de 5 pesquisas nos anos de 2015, 2018, 2020, 2021 e 2023. O artigo mais citado neste período foi a pesquisa intitulada Desenvolvimento urbano



baseado em conhecimento e ecossistemas de inovação urbana: uma análise em quatro cidades brasileiras dos autores Spinosa, Krama e Hardt, publicada em 2018. Essa pesquisa tem 3 cluster vinculados com 7 citações. A rede de inovação social e os autores relacionados são representados na Figura 6.

Figura 6 - Redes de coocorrência de ecossistemas de inovação e autores citados



Fonte: Elaboração própria.

Finalmente sobre a palavra-chave ecossistema de inovação social, não foi possível gerar o mapa de redes de coocorrência nem a relação de citações dos autores porque só foram encontrados três artigos não relacionados entre si. O primeiro intitulado Ecossistema de inovação social, sustentabilidade e experimentação democrática: um estudo em Florianópolis, dos autores Andion. C; Alperstedt. G. D. e Furlanetto Graeff. J. F. publicada em 2020 tem 31 citações pelo contexto da inovação social. O segundo artigo é intitulado como Ecossistema de Inovação Social e os Níveis de Intensidade das Parcerias Intersetoriais do Empreendedor Social dos autores Moraes-da-Silva, R. L.; Segatto, A. P.; Carvalho, A.C. V.; Ribeiro, G. publicada em 2020 com 4 citações onde exploram os níveis de intensidade das



parcerias intersetoriais para o empreendedor social. E por fim a pesquisa Ecossistema De Inovação Social E Preservação Da Mata Atlântica No Sul Do Brasil: O Caso Araucária +, dos autores Noronha, A.; Alperstedt. G. D. e Andion. C, publicada em 2023 que enfatiza a preservação florestal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, foi realizado uma análise de coocorrência de palavras-chave para verificar a ideia subjacente das frequências de coocorrências nos artigos pesquisados na base *Scopus* e se apresentavam uma relação estreita entre os conceitos das palavras utilizadas para formarem aos constructos apresentados. Foi possível perceber pelos resultados apresentados nesta pesquisa que existe um declínio na quantidade de estudos realizados considerando os termos inovação, inovação social e ecossistemas. Verifica-se ainda que o termo inovação que, não surpreendentemente, sobressai as redes criadas, o que sinaliza para uma convergência também com esses conceitos, ademais, foi observado um resultado inexpressivo em relação ao termo ecossistema de inovação social.

Com base na perspectiva apresentada nesta pesquisa, a necessidade de uma cogestão dos recursos comuns em âmbito local ou regional dos ecossistemas de inovação social, onde emerge o debate sobre o desenvolvimento territorial sustentável e nos estudos existentes que discutem a relação entre sustentabilidade nas cidades, visto que os ecossistemas participam diretamente do processo sustentável. Entretanto, pesquisas mostram a importância de localizar o debate sobre essa temática de forma global, salientando que as experiências de enfrentamento e governança dos problemas urbanos podem gerar condições, recursos e oportunidades para a mudanças sociais, que podem promover a criação (ou desenvolvimento) de ecossistemas de inovação social, mas também pode tendenciar para a inércia e a estagnação, em termos de promoção de novos estilos de desenvolvimento e principalmente aqueles aplicados ao contexto social e/ou socioambiental por falta de iniciativas.

Existem estudos que ao tecer comentários sobre os aspectos do contexto social, estão relacionadas diretamente com as políticas públicas, isso porque se percebe um interesse atual em suplantar a clássica oposição entre *policy analysis* e *policy studies*. Trata-se então, de alargar o debate para compreender melhor a ação pública, para além do governo, e os novos modos de governança pública que podem fazer face dos inúmeros e complexos problemas públicos que inter-relacionam dinâmicas econômicas, sociais, culturais e ambientais e exigem esforços intersetoriais com participação ativa da iniciativa privada.

A relevância científica desse estudo permite compreender os alcances e os limites de novas experimentações democráticas dos ecossistemas de inovação social no contexto das cidades, das regiões



ou dos países. Na perspectiva de uma governança pública compartilhada ou de uma poliarquia institucional (níveis de democratização), podendo ser discutido mais profundamente por meio de outras lentes que os condicionantes os efeitos dos processos de participação e envolvimento de diversos atores nas políticas públicas, os alcances e limites das redes de ação pública ou das comunidades epistêmicas que se formam em torno de questões públicas ou que favoreçam o desenvolvimento de ecossistemas de inovação social, pois como visto tem-se poucos estudos referente a esse contexto.

Por fim, observa-se que a configuração dos ecossistemas de inovação social, sua rede, as formas de interações entre seus atores e suas consequências e o quantitativo de pesquisas apresentadas nesta temática são ainda incipientes, havendo necessidade de maior e melhor aprofundamento, considerando questões locais, regionais, culturais, estruturais, políticas, dentre outras. Além disso, existe a necessidade de fortalecer e disseminar práticas de investigação dos constructos apresentados seja pelo contexto comparativo ou no aprofundamento aplicados nos países e/ou continentes, contribuindo assim, para reforçar as dinâmicas de promoção de mudanças em direção a estilos de desenvolvimento mais sustentáveis inerentes aos ecossistemas de inovação social.

Nesse sentido, espera-se que este estudo contribua para co-construir conhecimentos úteis e sendo contextualizado, possam ser apropriados pelos atores que formam e desenvolvem os ecossistemas de inovação social. Como sugestões para pesquisas futuras, novos estudos poderiam se dedicar a explorar o modelo geral das parcerias do ecossistema de inovação social, aqui desenvolvido, mas em outros contextos (supracitados) e sendo possível, aperfeiçoando-os. Embora ambientes mais dinâmicos, com uma quantidade maior de interações entre os atores, poderiam ser estudados, a fim de revelar novas informações acerca do ecossistema analisado.

REFERÊNCIAS

AKMAN, G. *et al.* “Assess the innovation capabilities of manufacturing companies through a combination of supervised and unsupervised machine learning approaches”. **Journal Applied Soft Computing**, n. 110735, 2023.

AL-SHARIF, A. M. *et al.* “The role of innovativeness in the relationship between entrepreneurial leadership and innovative performance in the SME service industry”. **Journal of Research on Advances in Social Sciences**, vol. 10, n. 1, 2023.

ANDRÉ, I.; ABREU, A. “Dimensões e espaços da inovação social”. **Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia**, vol. 41, n. 81, 2007.

AWAN, U.; SROUFE, R. “Interorganizational collaboration for innovation improvement in manufacturing firms: the mediating role of social performance”. **Journal Innovation and Manager**, vol. 24, n. 5, 2021.



BIGNETTI, L. P. “As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa”. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, vol. 47, n. 1, 2011.

BOS-BROUWERS, H. E. J. “Corporate sustainability and innovation in SMEs: evidence of themes and activities in practice”. **Journal Business Strategy Bos-Brouwers**, vol. 19, n. 7, 2010.

BOSSAGHZADEH, N.; MORADI, M.; TAMIMI, M. “A model for gaining competitive advantage in Iranian exporting companies based on organizational ambidexterity and absorptive capacity”. **Journal of Decisions and Operations Research**, vol. 8, n. 1, 2023.

BULUT, C.; EREN, H.; HALAC, D. S. “Social innovation and psychometric analysis”. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, vol. 82, 2013.

CAJAIBA-SANTANA, G. “Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework”. **Technology Forecast Social Change**, vol. 82, 2013.

CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. “Sistemas de inovação: políticas e perspectivas”. **Revista Parcerias Estratégicas**, n. 8, 2000.

CORALLO, A. *et al.* “A systematic literature review to explore traceability and lifecycle relationship”. **International Journal of Production Research**, vol. 58, 2020.

DEES, G. “For profit social ventures”. **Senate Hall Academic Publishing**, vol. 2, 2013.

GRÁCIO, M. C. C. “Scientific collaboration: relational indicators of co-authorship”. **Brazilian Journal of Information Science**, vol. 12, n. 2, 2018.

GUMUSLUOGLU, L.; ILSEV, A. “Transformational leadership, creativity and organizational innovation”. **Journal of Business Research**, vol. 62, n. 4, 2009.

HENDERSON, H. “Social innovation and citizen movements”. **Journal Futures**, vol. 25, n. 3, 1993.

HOWALDT, J.; SCHWARZ, M. **Social Innovation: Concepts Research fields and international trends**. Berlin: IMA, 2010.

HWANG, B. N. *et al.* “Inovação aberta e ambidestria organizacional”. **Jornal Europeu de Gestão da Inovação**, vol. 26, n. 3, 2023.

JIA, X. *et al.* “How leadership matters in organizational innovation: an openness perspective”. **Management Decision Magazine**, vol. 56, n. 1, 2021.

MOREIRA, I. C. “200 anos de ciência e tecnologia no Brasil”. **Ciência e Cultura**, vol. 74, 2022.

MULGAN, G. “The process of social innovation”. **Journal Innovations**, vol. 1, n. 2, 2006.

MULGAN, G. *et al.* **In and out of sync: the challenge of growing Social Innovations**. London: The Young Foundation, 2007.

MURRAY, R. *et al.* **The Open Book of Social Innovation**. London: The Young Foundation, 2010.



NURCHOLIDAH, L. *et al.* “Conflito profissional, familiar, estresse no trabalho e envolvimento dos funcionários no comportamento inovador no trabalho: papéis mediadores da adaptabilidade de carreira”. **Revista de Direito e Desenvolvimento Sustentável**, vol. 11, n. 5, 2023.

OJIAKO, U. *et al.* “O impacto das práticas de gerenciamento de portfólio de projetos na relação entre ambidestria organizacional e sucesso no desempenho do projeto”. **Planejamento e Controle de Produção**, vol. 34, n. 3, 2023.

PACHECO, D. A. *et al.* “Eco-innovation determinants in manufacturing SMEs from emerging markets: Systematic literature review and challenges”. **Journal of Engineering and Technology Management**, vol. 48, n. 1, 2018.

PEL, B. *et al.* “Unpacking the social innovation ecosystem: a typology of empowering network constellations”. **Annals of the 10o International Social Innovation Research Conference**. Heidelberg: ISIRC, 2018.

PEREIRA, M. M. O. *et al.* “Ecológico de inovação: estudos nas bases Web of Science e Scopus e tendências para pesquisas futuro”. **Amazônia, Organizações e Sustentabilidade**, vol. 8, n. 1, 2019.

POL, P.; VILLE, S. “Social innovation: Buzz word or enduring term”. **The Journal of Socioeconomics**, vol. 38, 2009.

REZAPOURAGHDAM, H.; ALIPOUR, H.; ARASLI, H. “Workplace spirituality and organization sustainability: A theoretical perspective on hospitality employees’ sustainable behavior”. **Environment, Development and Sustainability**, vol. 21, n. 4, 2021.

SCHUMPETER, J. A. **A teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1985

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

SHAFIQUE, I. *et al.* “Como a liderança ética influencia a criatividade e a inovação organizacional: examinando os mecanismos subjacentes”. **European Journal of Innovation Management**, vol. 23, n. 1, 2021.

STAUB, S.; KAYNAK, R.; GOK, T. “What affects sustainability and innovation - Hard or soft corporate identity?”. **Technological Forecasting and Social Change**, vol. 102, n. 5, 2016.

ZIMMERMANN, H. “Innovation in nonprofit organizations”. **Anais de Economia Pública e Cooperativa**, vol. 70, 1999.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 16 | Nº 48 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima